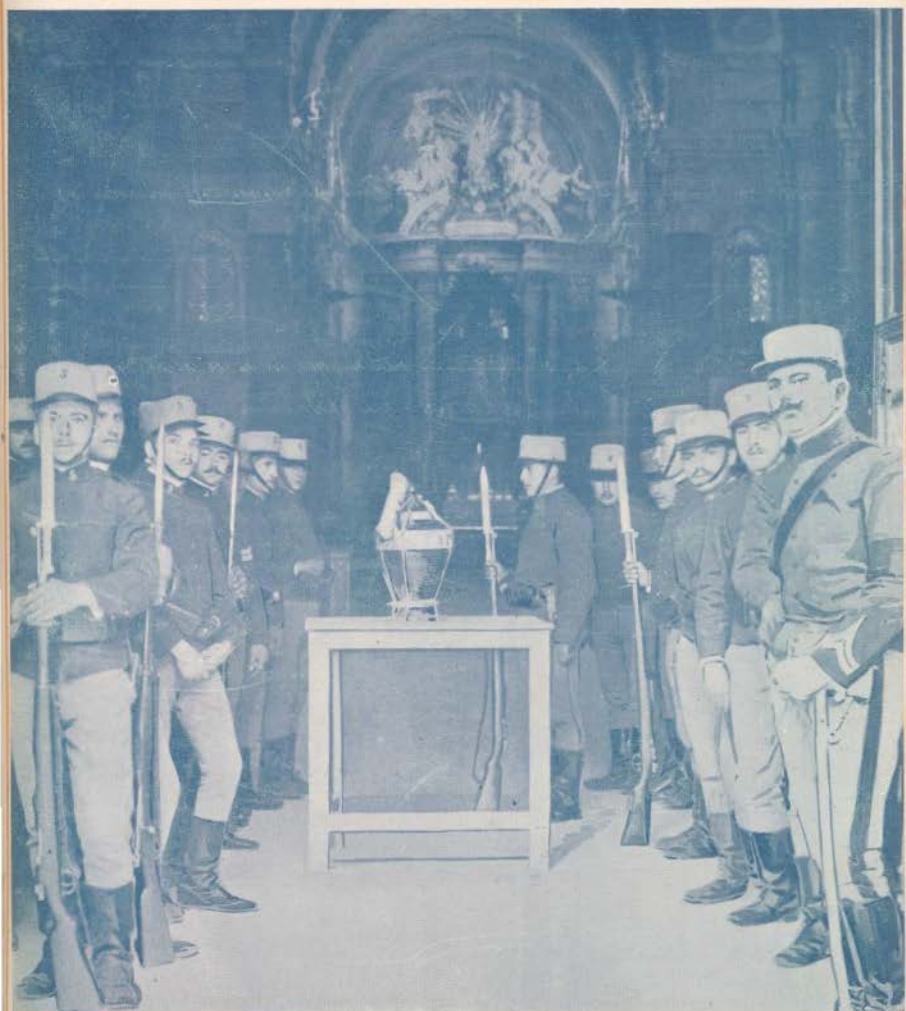


# Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Ceixeira

Assignatura para Portugal, colônias e Hespanha	Assignatura conjunta do Seculo, Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa	<b>PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA</b>	
Anno..... 48000	Anno..... 88000	Trimestre.....	25000
Semestre..... 28400	Semestre..... 48000	Mex (em Lisboa).....	700
Trimestre..... 18200			

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — *Rua Formosa, 43*



## Summario

**Capa:** A URNA ELEITORAL DE S. DOMINGOS (Cliche de Benoit!) ● **Texto:** FIGURAS DA ACADEMIA DE COIMBRA, 21 illustr. ● EXEQÜIAS REAS NO BRAZIL, 5 illustr. ● A PARTIDA DE FOOT-BALL EM ALCANTARA, 10 illustr. ● A ELEIÇÃO DE LISBOA, 22 illustr. ● A DISTRIBUIÇÃO DOS PREMIOS DO RAID, 22 illustr. ● EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE DE BELLAS-ARTES, DO PORTO, 9 illustr. ● OS DEGRADADOS DE ANGOLA, 16 illustr. ● UMA SESSÃO DE GYMNASICA SUECA PELOS MARINHEIROS DO CRUZADOR «FYL-GIA» NO LYCEU DO CARMO, 4 illustr. ● A PROCISSÃO DOS PASSOS DE CARNIDE, 6 illustr. ● ● ●

# Nestlé Farinha lactea

PREÇO 400 RÉIS  
36 medalhas de OURO incluindo a conferida na Exposição Agrícola de Lisboa

**PRISÃO DE VENTRE HABITUAL**

**ALOINA HOUDÉ**

**ENXAQUECAS  
FALTA DE APPETITE**

A. HOUDE, 29, Rue Albouy, Paris.

VAGO

Companhia  
\*\*\*\*\* DO \*\*\*\*\*  
**Papel do Prado**

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada  
Proprietaria das fabricas do Prado, Marianais e Sobrelinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louçã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). \*\*

\*\*\* Escritorios e depositos \*\*\*  
LISBOA—270, Rua da Princeza. 276  
PORTO—49, R. de Passos Manuel, 51

Ender. telegr.: Lisboa, Companhia Prado—Porto—Lisboa. N.º telephon. 508

VAGO

**Gaston Lot**

**PROTHESE DENTARIA**  
**EXTRACÇÃO** de dentes sem dor desde 000 rs. Colocação de dentes desde 1800 réis.  
Consultorio chirurgico-dentario, R. das Chagas, 42,1.º (Ao Calhariz)  
TELEPHONE 1:882



**L'Épil'vite**  
**CREMA EPILATORIA**  
prompta a ser empregada.  
Resultado garantido.  
Agradavelmente perfumada, dissolve instantaneamente as penugens desagradadas, a barba, os pelos os mais duros do rosto e do corpo. — Não produz borbulhas, não irrita a pele a mais delicada. e  
M. A. COZZIANI, Pharm. de 1.ª classe, 63 Rue Rambuteau, Paris.  
Agencia de Portugal: LURIC & DELGAST, 19, R. do Arco a Jesus, Lisboa

**ESCROFULA :: CHLORO-ANEMIA**  
Authenticas de Paris)  
**PILULAS DE BLANCARD**  
Exigir o verdadeiro Producto (assinatura, etiqueta verde, e endereço)  
**XAROPE DE BLANCARD**  
40, Rue Bonaparte, Paris (France).  
**LYMPHATISMO :: DEBILIDADE**

As **GOTTAS CONCENTRADAS** de  
**FERRO BRAVAIS**  
São o mais efficaz remédio contra **ANEMIA**  
**CHLOROSE, CORES PALLIDAS**  
Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os medicos do mundo.  
Não constipa o ventre. Não enegrece os dentes — Não irrita a lingua.  
**SAUDE — VIGOR — FORÇA — BELLEZA**  
DESCOMPARAR DAS IMITACIÕES.  
Se se vende em GOTTAS e em PILULAS.  
L'Épipharmacie des Bravais. — Bousin: 130, Rue Lafayette, PARIS.

PRINCIA VIOLET  
NOUVEAU PARFUM  
29, Bd. DES ITALIENS, PARIS



PREMIADA em varias EXPOSICOES e FORNECEDORES de CASA REAL

**ALIMENTO DELICIOSO!**  
**BANANINE MIALHE**  
Farinha de Bananas esterilizada chocolatada e phosphatada  
Recomendada aos estomagos delicados  
**CRIANÇAS - CONVALESCENTES - VELHOS**  
Farmacia del D. MIALHE,  
PROFESSOR NA FACULDADE DE MEDICINA  
8, rue Favart, PARIS

# FIGURAS DA ACADEMIA DE COIMBRA

O LADEIRA    O LITTERATO    O MUSICO  
 O URSO    O POLITICO    O BOHEMIO  
 O CABULA

— Até que enfim, suámos, mas chegámos á rua Larga, amigo Mathias — eu devo declarar desde já

que o meu amigo Mathias tem um olho superiormente sagaz. Disse-lhe ainda que achava a rua Larga pouco



Leite Junior, do 5.º anno juridico  
(Caricatura de João Brito)

espaçosa; mas concordava que ella era ampla no meio da ramificação inextricavel de viellas e beccos inclinados, que conduzem a Minerva e aos seus ensinamentos.

Estavamos na rua Larga. E essa certeza dava-me uma secreta vaidade—por ali haviam passado, pisando as mesmas pedras que eu pisava devotamente, gerações de sabios, de politicos, de lettradados, possuidos do farto cabedal de saber que foi sempre divisa d'estes reinos. Além d'isso a *cabra* tinha lançado á pureza morna do ar, duas horas antes, as ultimas badaladas sonoras: e a Academia de Coimbra,

nova geração de sabios, de politicos e de lettradados, ia estabelecer em breve, na rua Larga, o seu giro diario d'abelhas para o cortiço. Ora eu, muito curioso, subira propositadamente calçadas e ruas ingremes na aciedade de conhecer, bem de perto, essa mesma Academia. E como tinha noticia do olho sagaz do meu amigo Mathias, a elle me dirigi, e á sua sagacidade me confiei para o esclarecimento e a observação que me orientassem e inteirassem. O meu amigo começou por declarar que a Academia era grande e cinco annos não bastariam para a analysar, particularizando um par em todos os seus membros illustres. Demais, eu talvez soubesse—aqui, sorriu intencionalmente, com



Mauricio Costa, do 5.º anno juridico  
(Caricatura de José Motta)

o seu sorriso ao mesmo tempo fino e reservado—que elle conhecia pouco Cuvier, e não praticára *côte á inglesa* nos Armazens *Old England*.

Dei-lhe razão; e pedi que me indicasse as figuras primaciaes, as extremas, aquellas cujo destaque abraisse á flor dos la-

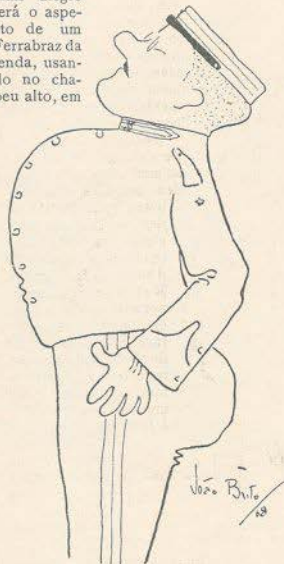


bios o commentario que esvoaça n'um sorriso ou que esgazeia o olhar na expressão muda do respeito. De resto, o meu pedido desobrigava-o da apreciação á linha externa, á correção britannica da calça ou da batina.

Elle fez que sim, com a cabeça, no modo reservado que lhe conheço desde ha muito, e prometeu levantar um pouco a ponta do enygma que envolve o interior de cada parcella viva do Universo em geral, em especial de cada figura extrema da Academia.

Agradeçi, commovido—e apontei logo, a vibrar de impaciencia, um grupo lento de rapazes, que caminhava na gravidade pomposa dos Cesares em dias de triumpho, as capas desdobradas na nobreza fluctuante de mantos, as cabeças meio afogadas em altos colarinhos reluzentes.

O meu amigo encolheu os hombros, passou os dedos molles pelo buço que já pinta, e entrou a ponderar, em nebulosas arrancadas de pessimismo, que nos approximavamos da idade em que o homem mais alegre terá o aspecto de um Ferrabraz da lenda, usando no chapéu alto, em



Fallé Ramalho, do 3.º anno de philosophia  
(Caricatura de João Brito)

horas serenas de festa, lutos de gatopingado. Eu escutava-o attento, mas não percebia o alcance do seu dizer. O grupo lento cruzou connosco, em frente d'aquelle recinto abandonado a que o meu

amigo Mathias, em momento optimista, assignalou festejados destinos, mal seja dobrado o anno de dois mil: como, por exemplo, o carregar com a complicada architectura d'um Theatro Academico...

Mas o grupo lento cruzou connosco, e a voz tornou-se-lhe irritada e sibilante:

—Veja, é isto, estes senhores dentro em pouco veem de casaca para a aula... e mais



Balthazar Teixeira, do 5.º anno juridico  
(Caricatura de José Motta)

frios e impenetraveis do que um dia de nevoeiro...

Não era esse, decididamente, o aspecto que me interessava. Que me importava a mim, que conheço o valor da exterioridade, do apparatus, desde que uma idéa sã ou um forte musculo nos não imponham, a sua verborrhéa amarga sobre o bacharel em crysalida, inchado de prosapia, encouraçado na austeridade e no fausto do homem a quem o destino escolheu para reger o destino d'homens? Não, n'aquella manhã radiosa, elle não me interessava por certo. Apesar de que registei e achei avisado este seu reparo:

—O bacharel no ovo tem mais majestade, mais altivo aprumo do que o bacharel fóra da casca.

E isto, meu amigo, faz



lembrar o entusiasmo dos que visitam terras desconhecidas, onde a imaginação põe maravilhas e facilidades que não comportam sequer a dor d'um callo. Ora succede que a terra é quasi a mesma, com as mesmas arvores, a mesma frescura de relvas, o mesmo ar macio ou fustigante, provocando a mesma dor do callo inexoravel — e o entusiasmo murcha como um ramo que se quebrou...

Mas o meu amigo notou que não se ajustára ao meu desejo, e interrompeu-se, solícito, dizendo que os taes senhores austeros, funebremente austeros, eram *ladeiras*...

— Ladeiras?!

Sim, *ladeiras*... Viviam alcondrados, no isolamento da parcella de humanidade que se arraza de trabalho, pontificando em *calao* nos desvios da *ladeira* do Seminario...

— Ah!...

Elles podiam não ter largo talento — que os havia, confessou justiceiro bem cheios d'esse «atributo»; — podiam não ter nomes heraldicos, com estridores e lampejos das lanças que varões intrepidos levantaram contra o mouro infiel. Mas adquiriram pelo simples titulo de «um pouso na ladeira», talento e nobreza que amplamente justificavam a sobrançeria do seu olhar. Afinal, eu não estranharia por certo que assim fôsse. E senão — observava elle, judicioso — attendesse eu á velha lei ingleza que tornava o *lord* letrado só por ser *lord*, mesmo na hypothese frequente do *lord* ignorar as letras do seu nome.

Oscilei a cabeça, murmurei competido:

— Sim senhor, eu comprehendo...

As figuras agora circulavam, ás dezenas, vagarosas ou afadigadas. Nós passeavamos mergulhados n'um silencio pensativo. Bruscamente, porém, sacudi-lhe o braço, n'um gesto nervoso, indiquei um rapaz baixo e gordo, todo

em arrogancia, em traços exaggerados de caricatura.

Tinha-me enganado, confesso-o compungido! O meu amigo Mathias objectou-me os enganosos juizos das apparencias. Esse gordo e arrogante satisfazia aos requisitos inflexiveis que enformam um bom e prestimoso cidadão. Bello moço, alegre, conhecedor das fragilidades do sexo delicado, com uma tintura superficial mas luzente das ideias do seu tempo... e nas aulas cumpria, garantia-se contra possiveis naufragios.

Jurei não me precipitar, d'ahi em diante. E fiz bem, porque o meu sagaz amigo cortava pouco depois o silencio em que me fechei, para apontar uma figura de realce, uma authentica figura extrema. Não exaggerava, se asseverasse — e asseverou-o — que estavamos em face d'um symbolo. Um symbolo, sim, esse rapaz magro, de capa meio apanhada no pescoco, a cair-lhe dos hombros direitos no abandono inerte d'azas de ave morta, que caminhava de vagar, rigidamente, dardejando o monoculo faiscante...

Esse rapaz magro e de monoculo — collei-me ao meu amigo — n'uma avidéz insoffrida — symbolisava o litterato academico. As suas characteristics salientes eram as characteristics d'uma vasta familia. Representava, pois, um vasto symbolo. Eu, certamente, não ignorava que na academia de Coimbra, como em todo este paiz d'aventura, o homem feliz que escreve o *a b c*, é litterato...

— Perdão, amigo e senhor! Sejamos razoaveis... Mesmo bachareis formados...

Não me deixou concluir. Em primeiro logar nem todo o homem era realmente litterato. Mas não o era... simplesmente por não o querer ser... ou por desprezo ou por indiferença. Depois, o prurido da litteratura vinha com o desabrochar do bigode, e murchava ali pelo cariar do primeiro dente. Só assim se comprehendia que su-



José Motta, do 5.º anno juridico  
(Caricatura de João Brito)

João Brito  
08



purando a Universidade, para não sair de Coimbra, mais d'um cento de bachareis cada anno, que sofreram do prurido, as searas não fôsem devastadas, cada anno, pelos centos de poetas e prosadores que cantaram os cabelos de Rachel e esgravataram a psychologia tortuosa de Gabriella. Claro, obtida a formatura, obturado o dente minado pela carie devoradora, esqueciam os versos e a prosa. E então, desde as pescarias palreiras do Algarve ás doces e verdes quebradas do Minho, aos duros fraguedos de Traz-os-Montes, elles faziam pouco mais do que amontoar cifras em volta do destino...

Mantinha, por isso mesmo, a sua affirmação: eram incontáveis os litteratos que Coimbra abrigava no seio complacente. E a travéz d'aquelle, cujo monoculo tão subtilmente relampejava, nós víamos a immensa e nobre familia. Elle condensava em si o que ha de especioso, de característico, de saliente na lustrosa grei — e que a denunciava como um rotulo, em letras gôrdas.

Era o penteado, de bambi-nela lambida de pomadas a fechar metade da testa, e de risca muito esticada á esquerda. Era o monoculo activo e a cara cuidadosamente escañhada — a não deixar um cabelo, um só, que pudesse ser queimado pelo estro, pela chama que em certos dias acode ao labio... No caminhar era sempre aquelle passo, que eu devia ter registado já: um passo grave e pesado de quem anda a revolver mundos, ou de quem faz o gesto de silencio... «silencio! a grande voz!...» Olhava olympicamente, e tão olympico que nós, os humildes que amanhã seremos sómente pó, cinza, nada, tínhamos a impressão devota de que elles giravam muito alto, nas regiões das Vias-Lactes, e de que do seu olhar caíam estrellas, abundantes como gottas d'agua que as arvores sacodem dos ramos, em manhãs de inverno, ao nascer do sol.

Não pude soffrer os impetos da curiosidade exacerbada. O meu amigo divagava, descarovelmente afastado do meu desejo. Eu queria interior, o interior das figuras que me interessavam. O monoculo, a melena lustrosa, o

olhar olympico de deuses, estavam plenamente ao alcance do meu olho desprevenido...

— Ah, de interior! — balbuciou elle, abanando a cabeça conformada.

Tinha muitissima razão. Abusára da minha paciencia. Mas elle ia explicar. De resto, havia de attender aos seus escrupulos, desde que se via forçado a sondar problemas de funda psychologia. E não devia estranhar se uma ou outra vez a sua voz

hesitasse, tremesse — não era sem uma pontinha de receio que o mortal mais decidido se abeira de uma cratera que fumea... Sim, porque eu devia comprehender tambem — aqui, a sua voz reforçou-se de tonalidades cavas — que um cerebro podia offerecer tanto perigo como um a cratera em ebulição: a



João Brito

H. Trindade Coelho, do 5.º anno juridico (Caricatura de João Brito)

do Vesuvio ou a do Etna, para nos não afastarmos dos limites do velho continente.

Fez uma pausa intencional, olhou-me de soslaio, a rir galhofeiramente. Estivera a desfructar-me! O seu receio só existia no seu intuito de me desfructar... Porque em Coimbra, havia de declarar-o sem modestia, elle perdera de todo qualquer medo... Aproximava-se de um cerebro, revolvia-o, analysava-o, com a serenidade repousada de quem revolve e analisa entre os dedos uma simples noz inoffensiva... A sua preven-



ção fôra muito postiza... o vulcão estava apagado...

— Oh meu caro, isso não é ser justo!

Observou que não me concedia o direito de o interromper. Uma interrupção molestava-o, em summa, molestava-o com o seu feitiço descortez... Nem elle avançava ao exagero de insinuar que o facto do vulcão se encontrar extinto trouxesse desprestígio á classe. O supremo Deus o livrasse...

— Perdão... eu não sei precisamente se o meu amigo Mathias disse Deus... Elle encaderna-se por vezes na revestidura rígida do atheismo... Supponho que disse Architecto...

Não havia vulcão, tanto melhor... Porque o vulcão illumina e arrasa. Ora o cerebro do litterato symbolico — jurava-o, podia jural-o sem temor, sem agravo dos seus principios — illumina, sim, mas de maneira alguma arrasava: a não se dar a hypothese pouco viavel — concedia o meu amigo, em surdina — de cahir nas boas graças de um editor que á facilidade alliasse contradictoriamente a avidez... Só n'essa hypothese inverosimil o litterato arrasaria...

O que podia garantir, era a sua qualidade illuminante. E desde o mais modesto ao mais apparatus todos possuíam combustivel para illumina em vasta escala... Não conhecia um unico que não trouxesse empilhados lá dentro, por series, já catalogados, trabalhos de these e de synthese, aos centos, desde o drama e o romance, com tantos volumes, tantas paginas, á epopeia e ao soneto... Era só vir para fóra... e resplandecer...

Via-se ali interior com todo o aspecto solemne de uma bibliotheca de vulto.

Mas isto não dava ainda a sua medida exacta: o litterato não tinha só cabedal copioso para obra de these e de synthese: conservava sempre aceso entre as series compactas, como fogo sagrado entre os nichos do templo, um singular poder de analysar e de fulminar. Porque, se não arrasava, era certo que fulminava. E eu que me desse ao cuidado, ahi pelas oito da noite, de penetrar humildemente no Luzitano, se queria render-me e prestar-me: veria então o ar paternal e rispido do seu voto pelo livro de Fulano, o seu rir fulminante, implacavel, sobre a «desgraça» do ar-

tigo de Cicrano... O meu amigo Mathias parecia disposto a desdobrar interior durante annos seguidos. Porque entrou a falar no horror que o litterato experimenta pela lenda... mas só pela lenda no presente. O presente, desde que não fosse mais secco e positivo do que um seixo aspero, causava-lhe os arrepios de uma lenda descaravel e atrevida... E ao mesmo tempo, elle erguia o olhar humedecido para o passado, e evocava-o em todas as suas cambiantes de maravilha — as suas glorias, os seus heroismos, os seus requintes irregulares de belleza, os seus proprios defeitos, que todos exhalavam o alto esplendor de um crença viva ou d'um intuito philosophico...

O meu amigo excedia-se. Tornei á sacudil-o por um braço, fiz-lhe vêr que me julgava inteirado. E inquiri logo ao seu ouvido, n'uma curiosidade canta:

— E este, o que vai aqui á nossa esquerda... o do buço loiro, sim! e que anda como quem transporta um fardo pesado...

— Não continue, espere... E' um bello rapaz, uma joia. Toca piano, tem amor á palleta e á paisagem, conversa com a placidez risonha e discreta de creatura habituada a meias-penumbra d'óces, no recolhimento de alcôvas galantes, entre *Saxes* e rendas de *Bruxellas*. O seu aspecto...

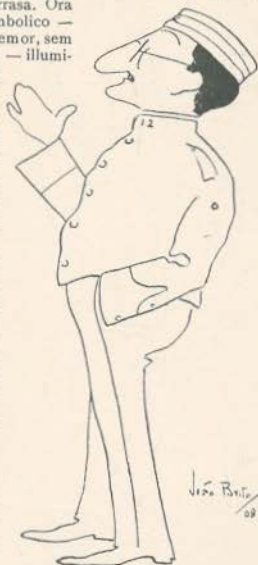
Decididamente, Mathias abusava. Eu tinha-lhe pedido interiores e figuras de destaque, caracteristicas...

Elle irritou-se. Aquella podia e devia enfileirar na galeria das que se impõem pela nota extrema. Mas punha-a de parte — e o prejuizo era meu.

Travou-me do braço, e seguindo agora, pachorren-to, para o Largo do Castello, indicava-me *ursos*, *musicos*, *políticos*, dois *cabulas* que pareciam

soffrer dos dentes, com a face revestida d'algodão em rama sob lençoes de seda negra.

D'entre esses *ursos*, que eu a principio fixava n'uma vaga expressão de terror, elle tinha de apartar os *sãos*, dos *sorvados* e dos *pôders*. Emfim, eu não ignorava que a mesma pereira dá fructos em que o dente se crava com delicia, e fructos que crispam o rosto em contracções repulsivas. O *urso*, uma ou outra vez, assentava n'uma organização moral capaz de se



Boto Machado, do 3.º anno de philosophia  
(Caricatura de João Brito)



equilibrar com o recheio científico. Dava-se exterior, apparencia, a majestade dos grandes principios em ricas encadernações douradas. Mas o exterior, a magestade, podiam imputar-se ás exigencias irreprimiveis da epoca. E tanto que o proprio *musico*, o proprio...

—Musico da Real Charamella?...  
—Perdão... essa ignorancia é in-

desculpavel n'um cidadão do meu tempo—atalhou, com severidade. E continuou logo, elucidativo, sagaz. O *musico* em questão não pertencia á Real Charamella. Era o *musico* de Finanças, de Commercial, de Calculo Integral, de Theologia Dogmatica, de Ontologia... O filho de Minerva que decora e se cinge á lição, como um interprete do hymno da Carta ás notas patrióticas fixadas no papel pautado. Podia a lição conter dez a dezeseis paginas esperas—que elle solvejadas, d'olhos esgazeados na cathedra atenta, sem uma *fifa*, sem uma hesitação. Ia mudar, porém, o rumo da sagacidade. O *musico* não passava d'uma figura apagada, desprovida de saliencias para dois dedos de cavaco: Percorria Coimbra, a travez de cinco annos laboriosos, sem chamar sobre si um olhar irritado, um murmuro de devoção...

Do *urso* sim, convinha dizer e comentar. E como havia *ursos* só apparentemente abastecidos de saber, e *ursos* que accumulavam todo o saber ôco ou maciço das edades, convinha ainda analysar uns e outros. Analysar á superficie, muito por alto. Que o meu amigo não se sentia capaz de entrar no seio profundo dos mares... e trazer á palavra os seus segredos profundos!

O *urso* abastecido notava-se, em regra, pela moderação no discorrer, ou pela precisão meticulosa da idéa, quasi sempre lenta, escorrendo quasi sempre do labio ponderado e theorico á maneira d'um liquido substancioso e grosso. A sua ideia era em regra tão precisa, como se elle tivesse medida e balança na sua lingua privilegiada para acertar a locução ás necessidades do conceito. Depois conhecia os auctores, sem falhar o mais remoto, desde os investigadores lunaticos anteriores ao Dilu-

vio, aos sabedores

positivos da era civilisada que repudia o atomismo. Conhecia-os e passava a immensidade dos seus juizos, tão depressa estabelecidos como sepultados nas proprias ruinas, mais facilmente do que elle, Mathias e aprendiz de bacharel, passava o plano suave do seu quarto de dormir.

O *urso* apparente dava-se muito, para em nada desmentir apparencias, a compostura severa do *urso* bem provido. Usava os seus colarinhos, as suas inflexões verbaes, os

seus geitos peculiares no sorrir e no falar. Mas largas vezes o gesto e a palavra o atraçoavam. E era desolador então o que succedia: onde o *urso* queria fazer surgir o criminoso nato e feroz, envolvendo-o nos traços visiveis que a sciencia lhe assignala, apparecia o sachristão de freiras, desconfiado e matrieiro, no habito encolhido de badalar a sineta do convento e de remoar a um canto da sachristia, cheio de gula beatz, o bolo fornecido pela madre-porteira. Mas lançava inalteravelmente a sua opinião, muito de cima, fortalecida em auctoridades de renome. Só discutia com eguaes ou superiores—eguaes e superiores nas barreiras limitadas do saber. Tinha opiniões assentes sobre o pangermanismo e a trajectoria horizontal ou curvilinea

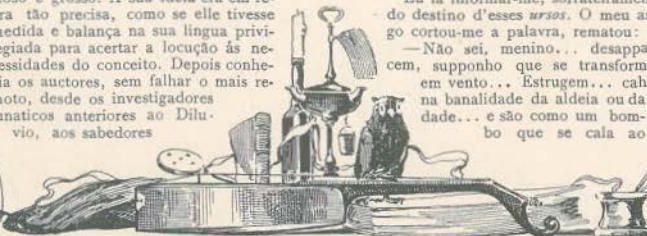
da bala do canhão Krupp. Abstinha-se, no entanto, por uma superioridade bem attendivel e sumptuosamente desdenhosa, de abordar a litteratura. A litteratura, a imaginação, a phantasia!...—e todo elle vibrava, n'um soberano e instinctivo desprezo.

Eu ia informar-me, sorratamente, do destino d'esses *ursos*. O meu amigo cortou-me a palavra, rematou:

—Não sei, menino... desaparecem, supponho que se transformam em vento... Estrugem... cahem na banalidade da aldeia ou da cidade... e são como um bombo que se cala ao



João Bianchi, do 4.º anno juridico  
(Caricatura de João Brito)





longe... Até o echo se lhes apaga...  
O meu amigo Mathias sentia-se fatigado  
— e na verdade o proprio verbo lhe sahia

O politico desfructava escassa originalidade. Desviava-se um quasi nada da linha convencional e facciosa do cacique que empal-



João Franco, do 5.º anno juridico  
(Caricatura de José Mattos)

ofegante. Não estava para proseguir. Mas eu insisti. Só duas palavras sobre o politico, sobre o cabula... Despertavam-me um alto interesse.

Curvou-se. Desciamos a ladeira de S. Bento. E entrou a dispôr apressadas, atabalhoadas impressões em torno do cabula e do politico.

ma urnas nos fojos da Beira Alta, e do chefe que medita complicações de intrigas nos salões formalistas da capital. Apenas mais vibratório, mais inflamável, revelando mesmo um fundo de sinceridade ingenua e pura que ou se condensa em ardores de fé perpetua, attingida a eda-



de do «calculo», ou se evapora ao fogo vivo das ambições e dos caprichos...

—Mas o *cabula*, o *cabula*?

Ahi estava uma figura extrema e de garantido realce — asseverou elle, em tom convicto.

Não restava duvida de que o *cabula* de hoje se distanciava enormemente do *cabula* bohemio e audacioso coevo do *Palito Metrico*. Começava porque a *bohemia* se exilára dentre os choupos românticos e dos perfis scismadores, amargurada pela irreverencia impiedosa dos municípios. Ella tinha nascido, sonhado, cantado á luz discreta e suave que vem dos mysterios do Senhor — e que, se não deslumbra, no silencio da noite, tambem não entontece. Mas os municípios, irreverentes, offuscaram-lhe a luz suave em que

nascera, em que sonhara e cantara, cegaram-n'a sob a petulancia radiosa do bico *Auer*! Naturalmente a *bohemia* chorou, tentou resistir, mas teve que ceder por fim á lei repulsiva do mais forte — e exilou-se. Além d'isso, nos ultimos tempos, ella andava cortada de

saudades. Cantava para espalhar os seus males. Não se conformava á exigencia dura de esquecer o carinhoso convento, a grade

amortecida em penumbra, a que subia pela noite velha, na escada macia de sêda, e onde a esperavam, soffregos, logo fechados para o beijo, labios doces de professora amorosa. Emfim, a *bohemia* passára, exilára-se para desconhecidos destinos. De modo que a *cabula*, sua irmã pelas afinidades de temperamento e de affecto, sua companheira esturdia nos descantes, começára a sentir-se em breve desloçada, reconhecendo que lhe faltava um estimulo vivificante e amigo. D'ahi o tratar de se dissolver na banalidade do meio ambiente, de adquirir o aprumo pretencioso e liso peculiar ao estudante actual e ao funcio-

nalismo do Estado. O *cabula* deixára mesmo de exercer a *cabula* por tendencia atavica ou por desvio para as desdoucezas ternuras do prazer — exercia-a por luxo, pela vaidade de apregoar aos quatro ventos que era *cabula*. Isto tornára-o rachtico, a



João Brito, do 5.º anno juridico  
(Caricatura de José Matta)



despeito do pretencioso apromo, dêra-lhe o olhar obliquo dos que arrastam a vida a mendigar, o que o desmerecia no conceito austero da historia. Perdera aquella linha nobre e inflexivel, serena e audaciosa que lhe insuflava rasgos dignos de Gil Blaz. Mas, devia confessal-o, apesar de tudo, o *cabula*, delonge a longe, tentava reviver o brilho do passado, n'um gesto, n'uma phrase, n'um acto mais ousado. E assim, elle era ainda, n'esses momentos fugitivos, a nota imprevisita, faiscante de graça, querasgava a crosta de insipidez tediosa que suffoca, dia a dia, desoladoramente, a alma aborrecida dos seus aborrecidos camaradas.

O meu amigo Mathias recordou epigrammas factos com que a *cabula* se desforça da auctoridade que a obriga a uma hora e um quarto de immobilidade e de silencio. Teve o cuidado de referir sahidas felizes da *cabula* apanhada em flagrante, quando o curso, constringido, a julga prestes a succumbir sob a severidade da cathedra. Havia *cabulas* mesmo que transitavam d'um para o outro anno, confortavelmente accommodados na boa fama dos que «queimam as pestanas», com o cerebro limpo de ideias sorvidas nos uberes fartos da mãe Minerva. Um certo *cabula*, seu amigo, ao entrar nas aulas, mostrava a inalteravel segurança de quem conhece, como os seus dedos, toda a vasta sciencia dos tratadistas. Depois, accorrido

no seu logar, passava o tempo a lêr jornaes e romances, a talhar o *monte* quando o tedio apertava — e mais tranquillo do que se lêsse e *talhasse* á luz favoravel do café Montanha. N'um dia de ganhos, dia feliz ao jogo, a sorte caprichosa lembra-se de o escolher para

revelar o grau das suas familiaridades com os juristas modernos. E é no mais calmo socego que elle se levanta, sem um estremecimento, e declara... que *la fora está*...

O meu amigo Mathias calou-se. Interrogué a medo se exgotára a graça faiscante da *cabula*. Achou-me impertinente. Não a exgotára, não era coisa que se exgotasse de dois tragos... mas sentia-se fatigado, incommodamente fatigado. Apertamo-nos a mão, em silencio, eu agradecido, elle aniquilado.

Segui para os lados de S. José. E agora distraído de *ale-riores*, entrevistado com a ligeireza de quem visita uma cidade de passagem e á pressa, todo me absorvi na doçura tepida do sol consolador, que cahia, pacifico e laborioso, d'um céu ineffavelmente azul. De cima, do bairro de Santa Theresza, vinha o canto alacre d'um galo, vibrante, cortando o ar morno e puro com a sua estridencia atrevida de ironia...

Coimbra, 29-2-1908.

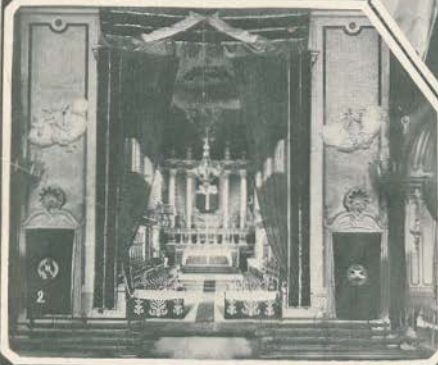
A. DE SOUSA COSTA.



Tres Reis... cabulas no Presepio (Cliché do alumno do 3.º anno juridico Adelino P. Christie-Real)



# EXEQUIAS · REAES · NO · BRAZIL



1 e 3 — Em S. Paulo: As exequias realizadas na catedral, em 28 de fevereiro, promovidas pela colonia portugueza—O catafalco, a capella mór e o cruceiro (Ornamentação da casa Rodolpho)



3 e 4 — As exequias promovidas pela colonia portugueza de S. Paulo em 10 de março: O btipto (CLICHÉ DE LOUIS FIRRECK, FERNAMBUCO)—O paico da Penha durante a cerimonia



5 — As exequias promovidas pela colonia portugueza na cidade da Pomba (Minas Geraes) As ornamentações da igreja



# PORTUGUEZES CONTRA SUECOS A PARTIDA DE FOOT-BALL EM ALCANTARA



O campo de Alcantara onde se realizou o desafio  
—O team portuguez—O team sueco  
—Uma phase do jogo



guezes pelo tenente sr. Joaquim Costa.

O desafio dividiu-se em duas partes, cada uma das quaes durou tres quartos de hora, e tendo os suecos marcado tres *goals* coube-lhes a victoria, que o grupo dos nossos marinheiros disputou, aliás, com o maior de-nodo.

Depois de concluido o jogo executaram-se varios outros exercicios sportivos, que igualmente foram executados com muita precisão e habilidade por diversos marinheiros, tanto suecos como portuguezes.



O desafio de *foot-ball* entre os marinheiros suecos do cruzador *Fylgia* e os marinheiros portuguezes, que se realisou em Alcantara, no ultimo dia do mez passado, despertou, pela fórma animada porque decorreu, o interesse dos numerosos espectadores, que assistiram ao jogo.

O grupo de marinheiros suecos que tomou parte na lucta era commandado pelo guarda marinha sr. Erik Sundblad, e o dos portu-



*Diversas peripecias do jogo*

(CLICHÉS DE BENJOLIEL)

# A ELEIÇÃO DE LISBOA



O sr. presidente do conselho e ministro da justiça, guerra e estrangeiro, no ministerio do reino, recebendo as noticias eleitoraes

—O sr. presidente do conselho, almirante Ferreira do Amaral, saindo da igreja das Mercês, onde foi votar, acompanhado pelo seu secretario particular sr. Alvaro Penalta



**Em Alcantara**

*A força de caçadores 2, que foi guardar a urna—O sítio onde caiu o indivíduo morto em Alcantara—A urna na igreja de S. Pedro, em Alcantara  
—O povo saindo da igreja depois da votação—Os amotinados*





**Na manhã de segunda-feira**

*Os arruaceiros, depois de terem destruído a guarita da guarda municipal do theatro D. Maria, conduzem os destroços procissionalmente. A nossa segunda photographia mostra bem a qualidade dos manifestantes*



Na segunda-feira no largo de S. Domingos  
 — Em frente do theatro de D. Maria  
 — Em frente do quartel general  
 — Os mortos na Morgue, na manhã de segunda-feira  
 — Um dos esquadrões de lanceiros que fazia a policia no Rocio  
 — As vedetas de lanceiros interrompendo o transito  
 — Sinaes feitos a sangue, pela população, em uma parede do largo de S. Domingos  
 — No largo de S. Domingos



**O regimento de lanceiros policiando o Rocio na segunda-feira**

*Os arruaceiros proseguem nas manifestações e desordens. Nas photographias vêem-se os garotos armados com os ferros com que arrancavam as pedras da calçada*

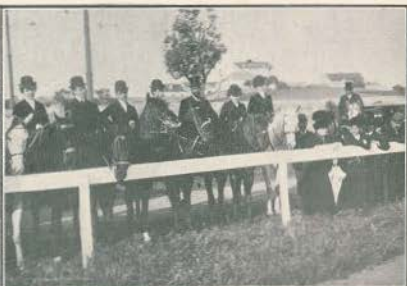
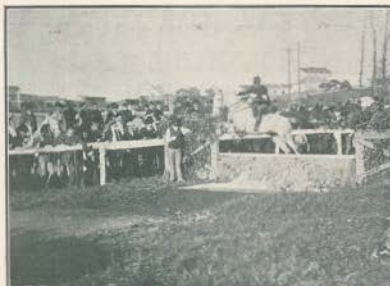
(CLICHÉS DE BENOLIEL)

# O 1.º RAID HIPPICO NACIONAL

PROMOVIDO PELA ILUSTRACÃO PORTUGUEZA  
A DISTRIBUIÇÃO DOS PREMIOS NO PARQUE DE PALHAVÁ



*A mesa do jury—Os srs. capitão José de Mendonça e condes de Fontalva e de Figueiró  
—O sr. capitão Domingos de Oliveira, o fiscal da pista—Um salto de valla—Negando-se a saltar—Salto de titude  
—O salto da sebe—Saltando as cancellas*



### A assistência

A festa da distribuição dos premios do duplo Raid hipico promovido pela *Illustração Portuguesa*, que se realizou no dia 2 do corrente no parque de Palhavã, foi concorrida por grande numero de officiaes do exercito e pela maior parte das individualidades mais salientes do mundo elegante e sportivo de Lisboa.





*Um salto da banquette  
—Um salto da valla—Um salto de talude  
—O salto de muro—O mail-coach do sr. conde de Fontalva*



Com uma festa das mais brilhantes no seu genero, que Lisboa tem presenciado, e que se realizou com uma numerosa concorrência e excepcional animação, fez-se, no parque de Palhavã, a distribuição dos premios que tinham sido attribuidos pelo respectivo jury aos concorrentes do duplo raid hippico nacional promovido pela *Illustração Portuguesa*. As nossas photographias reproduzem diversos aspectos d'essa festa e do percurso de obstaculos, tão entusiasticamente disputado, que precedeu a cerimonia da entrega dos premios.

Podemos dizer, sem vaidade, que a grande prova hippica organizada pela *Illustração Portuguesa*, com a festa magnifica de Palhavã fechou com uma verdadeira chave de ouro.

Apenas nos resta, pois, agora deixar aqui lavrado o sincero testemunho da nossa gratidão e registado o mais vivo agradecimento que endereçamos a todos que, por uma forma tão espontanea e desinteressada, com um empenho e disvello tão generosos, cooperaram connosco de um ou outro modo, mas sempre valiosa e efficaçmente, para que podesse ser levada a cabo, com o inexcèdível successo com que o foi, a notavel prova do anno passado. Comprehende-se que não individualisemos, tantos foram os collaboradores da nossa obra, e quando foi do concurso de todos que dependeu o seu resultado. E' a todos, pois, e sem qualquer distincção especial que se endereça o nosso agradecimento.



EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE  
DE BELLAS ARTES NO PORTO.



*Direcção da Sociedade de Bellas-Artes do Porto:  
Srs. Teixeira Lopes, Candido da Cunha, M. Monterroso,  
Diogo de Macedo, J. de Brilo,  
Jorge da Cunha, A. Teixeira Lopes, Antonio  
Pedro A. da Costa*

*Estudo de creança (José Julio de Souza Pinto)*

*A sopa do pobre (Antonio Carneteo)*





*Paisagem alemtejana (João Vaz)  
—A Mimi, busto em barro (Joaquim Meirelles)  
—Jesus curando um doente (Alberio Ayres de Gusmão)  
—Retrato (Carlos Reis)—Angela, busto em gesso (Carlos Meirelles)—Retrato do sr. conselheiro Wenceslau de Lima (José Velloso Saigado)*  
(Continúa)

## OS DEGRADADOS DE ANGOLA



Capitão Costa e Couto,  
comandante da fortaleza



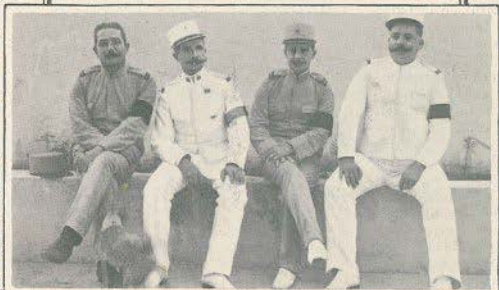
Entrada da fortaleza e residencia do commandante

A respeito da celebre fortaleza de S. Miguel, em Loanda, actual deposito dos degradados, em Angola, tem-se espalhado versões exaggeradas, que mais de uma vez tem sido acolhidas e repetidas na imprensa. O artigo, que publicamos em seguida, e que contém informações exactas e seguras, providas directamente de Loanda, não deixará, por isso, de ser lido com interesse.

Quando os criminosos, condemnados a pena maior seguem para Angola a cumprir degredo, dão entrada na celebre fortaleza de S. Miguel, onde são sujeitos a severo regimen de reclusão: para uns permanente até cumprirem as penas de prisão, para outros temporaria, pois que, durante o dia, são occupados nos trabalhos publicos da cidade e empregados nas officinas do Estado segundo as suas aptidoes.

O regimen mantido n'este estabelecimento, que actualmente é commandado pelo distincto capitão de infantaria Manuel José da Costa e Couto, coadjuvado por mais tres officiaes, é o regimen adoptado nos estabelecimentos penaes militares.

Quem hoje visitar a fortaleza de S. Miguel de Loanda transformada n'esse estabelecimento penal por onde tantas persona-



OFFICIAES EM SERVIÇO NO DEPOSITO GERAL DE DEGRADADOS  
Da esquerda para a direita: alferes Cunha Lima, tenente Arnaldo Candido,  
capitão Costa e Couto e alferes José de Albuquerque



Crianças filhas de mulheres encarceradas

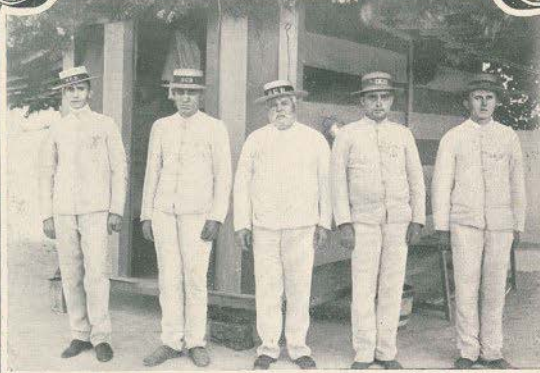
gens celebres pelos seus crimes tem passado, fica logo surpreendido pelo grande ar de aceso, boa ordem e rigorosa disciplina que por toda a parte se mantém ali; e fica sobretudo surpreendido só pelo aspecto submisso e respeitador de todos aquelles condemnados, muitos d'elles facinoras notaveis, que por ali circulam livremente na vastidão dos terraplenos d'aquella fortaleza, preoccupados com os afazeres do serviço interno ou preparados para saírem para os trabalhos de fóra. Porque o trabalho regenerador, unico meio de tornar uteis os desgraçados a quem a sorte adversa dos seus desvarios para ali empurrou, é lá exigido a todos com methodo e cordura; e os raros insubmissos que repellem os seus beneficios são logo removidos para outra parte longe d'ali.

A fortaleza de S. Miguel assenta n'um elevado morro dominando toda a bahia de Loanda, e a grande cidade, capital de Angola, e a maior de toda a costa occidental de Africa, desdobra-se a seu lado n'um amplo amphitheatro onde alvejam, innumeraveis, as suas casarias brancas desde as cristas elevadas que a cercam até ao mar com a sua bahia sempre placida e espelhada limitada por uma extensa e delgadissima falha de terra que formou a ilha.

A entrada da fortaleza faz-se do lado da cidade e é flanqueada por dois enormes baluartes no meio dos quaes está a unica porta que dá serventia ao forte, encimada pela casa alegre e bem disposta onde reside o commandante. Passando-



Um baluarte



UM GRUPO DE CRININOSOS CELEBRES: Da esquerda para a direita: Joaquim Moreira, Antonio Ferreira Moreira «Carramillos», José Maria da Silva «Caramellos», Candido Augusto «Casalheiros» e Augusto Lopes Ferreira



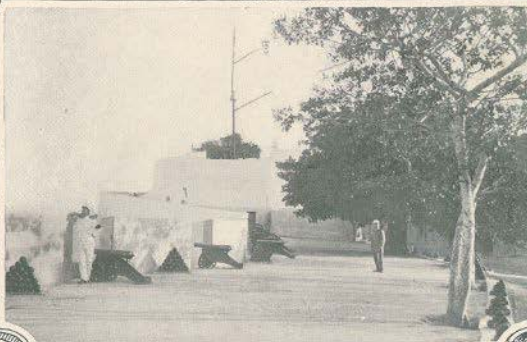
A grande cisterna e as prisões que a rodeiam

se o extenso corredor que se segue á porta encontram-se, a cada lado d'elle, as casernas de detenção das mulheres com os seus grandes pátios vedados, onde as desgraçadas reclusas pôdem passear nas horas de descanso; d'estas duas casernas uma é destinada ás mulheres que estão cumprindo prisão no lugar do degredo e a outra pertence ás que teem simplesmente degredo.

Ali vivem as pobres com um certo desafogo, ali n'aquellas prisões e n'aquelles pátios acumulam em comunidade os arranjos das suas *casas* bem tristes, como no seu *quintal* —os pátios já munidos de um lavadouro e onde agora tambem vão ser installadas pequenas cozinhas para que ellas possam preparar qualquer alimento que pretendam além do rancho da cantina geral.

Mas o que n'este lugar é mais digno de reparo é a existencia de algumas creanças filhas das condemnadas, as quaes pelas disposições dos regulamentos, pôdem viver com suas mães. É porém bem amargo patentear áquellas creanças, algumas das quaes já crescidas, a dolorosa situação de suas mães e acorrentar os pequenos innocentes á sua existencia de expiação. Seria muito mais humano, embora mais doloroso talvez para ellas, que o Estado internasse n'um asylo aquellas creanças, furtando-as áquelle meio e educando-as convenientemente; em Loanda ha um asylo que bem as poderia receber.

Defronte d'estes recintos que formam a face interior da fortaleza do lado da entrada, existe a meio do amplo terrapleno, uma grande cisterna que recebe todas as aguas das chuvas que caem na fortaleza, cisterna occulta pelas construcções que



*Uma das baterias da fortaleza*



*As mulheres degradadas no regresso do trabalho da cidade*



*Distribuição do rancho junto á cozinha*

a cercam e onde estão installadas as casernas e prisões dos homens; ali vimos n'umas d'estas, bem dispostos e confortados, alguns dos antigos marinheiros do D. Carlos e Vasco da Gama condemnados a pena maior por motivo da insubordinação que ultimamente tanto deu que fallar.

Ao lado esquerdo para quem entra, d'estas casernas e prisões fica o edificio onde estão installadas as secretarias, varias dependencias do deposito, e habitações dos officiaes e sargentos que ali fazem serviço; do lado opposto, com as suas muralhas quasi a prumo sobre o mar fica a grande bateria de artilhamento variado, onde se dão as salvas de uso nos portos.

E subindo-se d'ali ao cavalleiro, uma ampla explanada, elevada, commandando toda a fortaleza, disfructa-se, n'um largo horizonte, bello e magestoso, o mar immenso e a cidade, grande e perdida n'uma quietação singular, sob o sol ardentissimo dos climas tropicaes. A um lado d'esta explanada está o mastro de signaes com o seu cordame complicado que serve para receber os avisos das embarcações que no mar demandam a barra e transmittil-os para terra na sua linguagem muda de vultos phantasticos subindo e descendo.

D'este lugar, rodeando a explanada, pode-se passar á casa do commandante, alegre e sadia com os seus quinteiros, as suas capoeiras e o seu jardim recatado e fresco, tudo sobre a immensa mole de pedra e cal de que é formada a fortaleza com os seus baluartes; e dando por ali a volta compela áquella explanada encontramos cá em baixo de novo no terrapleno, junto ás officinas do deposito e junto á celebre «Cova da Onça», prisão



Um pateo das prisões de mulheres



A secretaria e um baluarte sobre o mar



Distribuição de pão aos condemnados

subterranea arejada por dois ventiladores onde são enclausurados os insubmissos que tentem perturbar a boa ordem que reina ali por toda a parte.

Para terminar, diremos que do lado opposto á entrada da fortaleza ficam as cozinhas, amplias e severas como as de um quartel e ali ao lado numerosas casas de banho com uma barbearia perfeitamente montada, onde os varios *figaros* completam incessantemente a *toilette* dos seus camaradas e muitas mais dependencias de somenos importancia.

Emfim o regimen adoptado na fortaleza de S. Miguel de Loanda e as suas installações perfectas, cuja descripção completamos com uma série de photographias colhidas ha dias, fazem honra ao seu actual commandante, o capitão Costa e Couto, e aos seus zelosos coadjutores tenente Arnaldo Candido e alferes José d'Albuquerque e Cunha Lima.

Loanda, 26 de fevereiro de 1908.

ALFERES VELLOSO  
DE CASTRO.

(Clichés do auctor).

Não é, pois, como se vê, a fortaleza de S. Miguel a terrivel mansão de horrores, que tão gratuitamente tem sido pintada e descrita. Pelo contrario. Os que ali estão expiando os seus delictos, são tratados com toda a benevolencia e tolerancia compatíveis com a sua triste situação.

Depois do perdão ultimamente concedido aos marinheiros culpados de insubordinação, o artigo antecedente, contendo informações sobre o seu modo de existencia em Angola, na fortaleza de S. Miguel, onde alguns haviam sido internados merece naturalmente um mais intenso motivo de interesse.



Interior de uma caserna



A «Cova da Onça»



Alguns dos antigos marinheiros do «D. Carlos» e do «Pasco da Gama»

# ESPORTS

Uma sessão de gymnastica sueca pelos marinheiros do cruzador "Fylgia" no Lyceu do Carmo



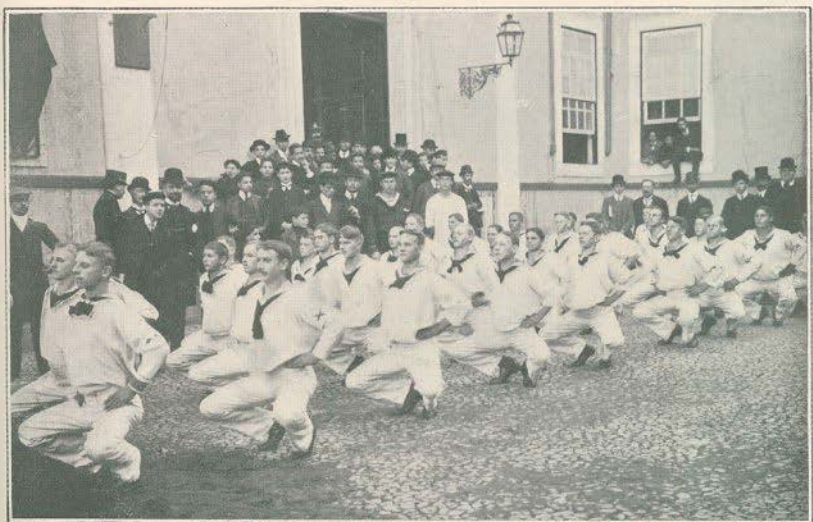
*Flexão de pernas com extensão de braços*



*O sr. barão L. Aberhцем, immediato do cruzador sueco Fylgia*



*Extensão de braços para cima*



*Flexão de pernas*

(CLICHÉS DE BENOLIEL)



# A PROCISSÃO DOS PASSOS DE CARNIDE



*A guarda de honra feita pelos  
alunos do Real Collegio Militar  
—Um aspecto da procissão  
—Os anjos na procissão—Os alumnos  
do Real Collegio Militar desfilando  
atrás do prestito  
—O aador do Senhor dos Passos  
de Carnide—O pallio*



Em Lisboa, o Senhor dos Passos da Graça é, como já dissemos, o santo mais popular e que conta maior numero de devotos. Mas ha outras imagens do Senhor dos Passos, pertencentes a diversas egrejas, que são igualmente veneradas com o mais vivo entusiasmo pelo povo. E assim, durante um certo periodo do anno, no que acaba de correr, fazem-se ao Senhor dos Passos umas poucas de procissões, em varios dias, que saem de diferentes egrejas de Lisboa e dos seus arredores. D'estas, uma das mais famosas e celebradas é a de Carnide, que se realiza sempre com grande apparato e brilhantismo. A serie de photographias que reproduzimos n'esta pagina apresenta varios aspectos do prestito d'este anno.



# LOCAO DEQUEANT

**CABELLO  
BARBA  
PESTANAS  
SOBRANCELHAS**

Unico producto scientifico apresentado na **Academia de Medicina de Paris** contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabeludo  
**L. DEQUEANT**, Pharmacien, 38, Rue Clichoncourt, Paris  
Em LISBOA, 19 Rua do Arco a Jesus, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas  
A VENDA EM TODAS AS BOMAS CASAS DO PORTUGAL.

PLAQUES

# JOUGLA

PAPIERS

# SEIOS



Desenvolvidos. Reconstituídos  
Afirmosocados. Fortificados com as

## "Pilules Orientales"

O unico producto que em dois meses assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar dunnho algum i estado. — Aprovado pelas notabilidades medicas.

**J. Flatié, Pharmacien,**  
5, passage Verdeur, Paris.

Frasco com Instructoes reis 1200  
Venda, para villa do correio enviado a :  
J. P. DASILVA & C. S. R. Rua Augusta, Lisboa.

VAGO

**François RICHARD**  
Cabeleleiro e fabricante de pastilhas  
57, Rue Cambon, gr  
(Angulo do Boulevard da Madeleine)  
**PARIS**

Para bem se pentear a si mesmo, é preciso vir experimentar os pastillos artisticos em enviar uma amostra dos cabellos applicando a genero de penteado que se deseja, pois que obtura assim um bello penteado em frizado natural e indelivel.

Tiatura inoffensiva em todas as cãras  
Denotado da agua Hess contra a queda dos cabellos

# Novo diamante americano



A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante, Anéis e alfinetes a 500 rs., broches a 800 rs., brincos a 1\$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1\$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

VAGO

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre  
chiromante e phisyonomista da Europa

# Madame BROUILLARD



**D**iz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vacilios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, chronologia e phisyonomia

e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze, d'Arpenigney, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada peos numerosos clientes da mais alta cathogoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete :

43, RUA DO CARMO, sobre-loja — LISBOA

Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

1890

**BELEZA DO ROSTO**

O LEITE ANTIFHELICO  
ou Leite Candês

1890

1890

**BELEZA DO ROSTO**

O LEITE ANTIFHELICO  
ou Leite Candês

1890

puro ou misturado com agua, dissipa  
Pimples, Acne, Crustacida  
Rosacea, Eczema, Prurigo  
Furunculose, Rugas  
Conserve a cutis intacta e  
limpa, Paris

# DISCOS Simplex

De double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais variado e moderno repertorio em musica e canto dos melhores actores nacionaes e estrangeiros. Marca registada, propriedade exclusiva de J. CASTELLO BRANCO. — Preços excepcionaes e Grande deposito de discos e machinas Jofanies. Pedir catalogos

grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas.

**J. CASTELLO BRANCO**

Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 LISBOA

Agente em Paris: — Camille Lipman, 26, Rue Vignon

COMPREM AS  
**SEDAS SUISSAS**

Deçam as amostras das nossas Sedas Novidades em preto, branco ou cor, de 1 fr. 20 a 18 fr. 50 o metro. Especialidades: estofos de sedas para trajos de passeio, de casa-nimento, de baile e de «soirée», assim como para blusas, forros, etc. Vendemos directamente aos consumidores as nossas sedas garantidas solidas e enviámo-las aos domicilios francas de porte.

SCHWEIZER & C.<sup>o</sup>—Lucerne E. II. (Suissa)

EXPORTAÇÃO DE SEDAS

VAGO

SERRA DA ESTRELLA  
**GRANDE HOTEL DOS HERMINIOS**

SANATORIO DA COVILHÃ Abre no dia 10 de maio

1.530 metros acima do mar

Sob a direcção de  
M. C. BRANDÃO

Tratamento da anemia e tuberculoso pelo clima de altitude

# Instituto de belleza

UNICA casa do mundo para o tratamento do rosto, hygiene, belleza e conservação da juventude. Productos scientificos invisiveis approvados pelo Laboratorio Municipal de Paris. Apparelhos e productos contra a obesidade e contra a excessiva magreza.

Aguas e crèmes para o tratamento da pele das mãos, luvas e apparelhos para o seu aformoseamento. Quem quizer conservar e embellecer a côr empregue todas as manhãs os maravilhosos productos:

*Tintura vegetal garantida e inoffensiva. Loção capilar para evitar a queda dos cabellos e para impedir o embranquecimento, dando-lhe a sua côr natural. Depilatorio perfumado com extracto d'ervas do Oriente (rosa) para evitar os pelos e fazendo-os desaparecer completamente.*

## Loção, Crème e PÓ KLYTIA

Instruções para o seu emprego

O INSTITUTO DE BELLEZA deseja ter agentes nas principais cidades da Europa, preferindo casas perfumistas ou cabelleiros para effectuarem a venda dos seus productos. Depósitos em todas as principais cidades da França, da Europa, Estados Unidos da America e no Cairo.

O Instituto de Belleza lecciona e dá curso de tratamento e embelezamento da pelle. Programma e condições. Envia-se catalogo geral a quem o requisitar.

26, Place Vendôme, 26—PARIS



## O 2.º PREMIO

DO

# CONCURSO

DE 1908

Temos o prazer de apresentar aos nossos estimaveis leitores a gravura de um dos automoveis premios do Concurso. Este é um soberbo carro galhardamente offerecido pela casa Beauvalet; uma elegante e magnifica «voiturette» marca Lyon Peugeot, 8 H-P. com duas carrocerias e todos os pertences, carro completamente novo e do modelo de 1908

OUTRO ESPLENDIDO E ELEGANTISSIMO

## Automovel

Tambem d'uma das marcas mais reputadas e conhecidas

Um soberbo «yacht» de recreio Uma excursão á ilha da Madeira

Premios em dinheiro, riquissimas joias, magnificas mobílias completas para quarto, sala e casa de jantar, vestuario de todas as especies, machinas de todos os generos, espectaculos maravilhosos e tudo, enfim, quanto é necessario á vida.

Tal é o segundo premio do concurso, e como este magnifico automovel, serão inteiramente vossos o

## CHALET

Construido em terreno proprio, adquirido pelo SECULO, e magnificamente situado na Avenida Antonio Maria de Avellar, talhão n.º 382, a dois minutos do carro electrico e cuja construção já começou

Excursões á França, á Inglaterra e á Italia